



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E PROPRIET.
Casa do Gaiato do Porto
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor
PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. da Casa Nun'Alvares
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

Uma fourgonette De como foi o nosso NATAL O PRESÉPIO

e das coisas que naqueles dias aconteceram

Não é por luxo nem conforto; é por necessidade. Eu preciso de um carro. Um carro para ir depressa, para conhecer melhor, para tentar obra mais perfeita. Esta obra também é uma empresa. O tempo, aqui, também conta e é dinheiro.

A miséria social avança em carreira vertiginosa, e os remédios do mal, devem ir da mesma sorte.
Eu quero uma fourgonette.

Mesmo que venha descalço, tenho fundadas esperanças de conseguir sapatos. Peço em Lisboa. Seria este o primeiro NON. Afiz-me a ter confiança. Os nossos Ministros costumam declarar, por delicadeza, que tudo me devem e eu digo, por convicção que tudo lhes devo.

Não me roubes a esperança nos homens, reflexo dequeloutra, infinita, que eu tenho em Deus.

Dar-lhes beleza, é conquista-los. Há carros tão lindos!
O que não vai ser uma fourgonette na nossa comunidade! Que fonte inagotável de prémios e de castigos. Que grande "pedagogo" não vai entrar em nossas organizações!
Considera e determina-te "agora".

O nosso Carlos Alberto, aquê simpático gaiato de Lisboa, que sofreu há tempos, heróicamente, um dos mais pesados castigos que temos aqui aplicado, este catraio, digo, um jeitião para trabalhar manuais. Já estaria, até, numa escola industrial do Porto, mas está ainda muito crú, para que o possa soltar. Pois, o Carlos Alberto, quando sai comigo de autocar, senta-se ao lado do motorista e fila toda a viagem, todos os movimentos, perfeitamente esquecido do que se passa fora daquele lugar. Ora aqui temos o futuro guia do carro da Casa do Gaiato. Temos tudo, tudo, tudo. Somente nos falta a tua palavra. Fala!

P. S.—Só quero um carro.

MUITO antes do dia próprio, começaram os trabalhos do presépio. Veio o musgo dos montes, os arbustos dos silvados, a palha dos telheiros. Os pequeninos obreiros da comissão, instalaram a seu bel-prazer as figuras de barro. Levantaram pontes, fizeram caminhos, puzeram moínhos de vento a andar, inspirados no simbolo da obra e nas coisas da natureza. O rei preto, montado sobre um camelo, foi de todos o mais mirado. *Olha o rei preto!* O Filipe do Seixal declarou em continente que na terra dele há um preto. Os nossos pequeninos pastores por sua vez, não se cansavam de espreitar um rebanho de ovelhinhas brancas, que pastavam nas cercanias. A luz, dentro de lampadas pequeninas de vidros de côr, era o cumulo do espanto. O Menino Jesus, muito coradinho, estava ao pé da Mãe no seu trono de Pobreza, que é o segundo sinal do cristão.

Enquanto a comunidade infanzal anda assim ocupada com as coisas simbólicas, ia-se-lhes dizendo, por palavras ao seu alcance, da realidade da Pessoa adorável de Jesus. Uma vez informada, a Comunidade, do mistério do Natal do Menino, facilitou-se-lhe a comunhão real e substancial do corpo do Senhor. Da Cruz para cá, não há simbolos. Quem se contenta com as figuras, não penetra nas verdades eternas. Eu peço perdão de me exprimir desta maneira. Sei que uma grande parte dos leitores de "O Gaiato" gostaria que eu não fosse sacerdote. Os nossos pequenos vendedores do jornal, trazem-me desta afirmação.

—Vocês lá em casa rezam?
—Rezamos sim senhor.
—Vai-te embora com o jornal!
Eu, porém, não me pareço ser obrigado, nem eu quero obrigar a depôr armas. Não foi de maneira nenhuma o caracter sacerdotal que me creou no peito convicções; antes, por causa destas, abracei aquê. Mas também não desejo impôr a quem quer que seja o meu credo. Nem mesmo aos meus filhos! Se amanhã viesse ter à nossa porta um pequenino judeu ou um pequenino protestante, entrava e seria tratado conforme o seu credo. E tu mandas embora o jornal, com desdem, só porque os meus filhos rezam! Assim entendes a liberdade? Eu cá não.

Mas vamos ao que importa.
Na vespere da Vespere, fizeram-se as rabanadas e os formigos do estilo. Conquanto os nossos sejam de tôdas as Provincias, seguiram o adágio do *em Roma, faze como os romanos*, e comeu-se à moda da terra. No dia 24, acendeu-se o lume na lareira da cozinha do forno, uma grande labareda, no meio de duas panelas das fundas de Crestuma.

Os rapazes do campo, foram buscar couve-tronchuda de *casa de cantaron* guardadas, desde há muito nas bortas, para a vespere do Natal. Os cozinheiros, preparavam rimas de batatas e retiravam da ultima água, lombos de bacalhau. Os mais pequeninos, estavam aninhados à roda do lume, a experimentar a paciência de todos quantos ali trabalhavam.

Entretanto, vinham chegando os que laboram fora de portas.
Os das obrigações de dentro, davam os derradeiros toques. Os nossos animais domésticos estavam arrumados até ao dia seguinte. Graças ao nosso Ministro da Economia, havíamos dado muito de comer, naquela tarde, a muitos dos que precisam. Os nossos pequenos deram. E' necessário que eles façam, para que a nossa obra viva no sentimento do Povo e compre, por esse preço, a sua imortalidade.

E' muito freqüente surpreender grupos dos nossos pequenos empleiros no presépio, extasiados. Ao perguntar-lhes do que mais gostam, ainda não encontrei quem me dissesse coisa diferente: *E' do Menino Jesus.*

—Mas ouve lá; e aquelas coisas tão lindas—não gostas?

—E' do Menino Jesus!
De uma vez, na casa de Miranda, entrei no quarto e fui dar com o Rui, de 3 anos de idade, sobre o meu leito, a examinar muito de perto um crucifixo pendente das guardas da cama.

—Que estás aí a fazer Rui?
—E' Jesus.

—Mas como é que vieste para aqui, Rui?
E não dizia mais nada, o pequenino enamorado. Assim, êstes de Paço de Sousa, à beira do nosso Presépio.

Mas isto é uma coisa natural. Dai à criança o que ela precisa, que bem depressa começa a amar.

Ela conhece a ordem, por intuição. Desordenada por natureza, neste capítulo, põe as coisas no seu lugar. Deus ocupa o primeiro.

«Mas então, não gostas dos camelos, das lâmpadas de côr, do moínho de vento?»

—Gosto do Menino Jesus!
Senhor dos Céus, êle é tudo tão simples e os mestres encartolados fazem tudo tão difícil, para segurar as cartolas.

NOTICIA E SUPPLICA

E' costume receber-se em Paço-de-Sousa correspondencia dirigida ao Director da Casa do Gaiato. Ora as Casas do Gaiato não teem, por enquanto, directores e, aqueles que a seu tempo as hão-de dirigir, chamam-se sómente os irmãos mais velhos. Por agora e sempre, teem Assistentes, que devem ser escolhidos na classe sacerdotal, em virtude do seu caracter e missão transcendentes. Assistentes, e basta. Assistir quer dizer orientar, acompanhar de perto, aconselhar, compreender, servir os Assistidos e sofrer por amor deles.

Posto isto, peço e espero que tôdas as pessoas amigas que hajam de manter correspondência com as Casas do Gaiato, qualquer que seja o caracter dessa correspondência, ponha sómente: — ASSISTENTE. Não é nome de pompa, isso não; mas é de glória. Ora pois.

Continua na página 3.

Um esclarecimento

Tanto bastou correr noticia de que iam abrir Casa no Pôrto, para que os pedidos chegassem aos cachos, de toda a parte e de muitas formas, — tamanho é o desmoronar social.

Porém, a finalidade da nossa nova residencia, não é o que se julga. Nós não recebemos ali o rapaz da rua. Trata-se da habitação, em família, dos nossos que trabalham e estudam. Já estão talhados os pequeninos obreiros com seus cargos de cozinha, de mesa, do jardim, de porteiro, de recados, tudo consoante os nossos usos e costumes, mas não publicamos aqui os nomes, que isso seria levar a desordem ao seio das nossas casas. Os Gaiatos, como tu, também leem o jornal de ponta-a-ponta.

O que, importa por agora, é instalar. Para dar facilidades aos que gostam de nos prestar auxilio, passamos a dar a lista das coisas mais urgentes de forma que cada um pode levantar o deuo e marcar presença.

São dez camas de ferro completas. São as roupas necessárias para as ditas. São doze cadeiras. E' uma mesa de refeitorio. São panelas e loiças de cozinha. São as de mesa. São 6 carteiras escolares.

Os nossos rapazes de forma nenhuma podem perder a escola, pelo facto de terem de se deslocar. A escola acompanha-os. No Porto há quem ensine e apresente a exame. A casa tem salas para isso. Eu tenho horror ao analfabetismo. E' uma das inferioridades da nossa gente. A chave da casa, como já foi aqui dito, encontra-se no n.º 628 da Rua de Santa Catarina, e o «Depósito» aos Clérigos 54, está aberto todos os dias úteis, de manhã à noite. Para bom entendedor...

O número do telefone onde a chave se encontra é o 2586. dois cinco oito seis da rede geral; tôdas as facilidades; Uma forma gentil de me prestarem auxilio, seria dar cada um o que podesse, para a renda da casa — mil e duzentos escudos mensais.

ESTE NÚMERO DE "O GAIATO" FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Noticias Diversas

COMO é sabido dos leitores, sempre que eu faço uma ausência de Paço de Sousa, no regresso, hei-de saber tudo quanto se passou. A primeira novidade, foi soltada pelo Zé de Oliveira de Azemeis, hoje o das capoeiras: temos 47 ovos! Em vez do costumeado ovo cozido com feijão frade, desta feita, houve uma tremenda fritada de todos aquêles ovos, feita na lareira da casa do forno, com grande estrepido, servida com entusiasmo e mastigada com fatias da nossa borra e canecas do nosso vinho. Os omoletes au rhum, servidos nas mesas de categoria, por muito que ardam e brilhem, não têm nunca a vida das nossas fritadas.

O Domingos desaparecera, já noite. O Domingos é um dos refeiteiros; é o avôzinha. A falta mais grave que até à data cometeu e da qual está muito arrependido, consistia na tentação de fazer sopas de leite clandestinamente e ir comê-las no pulpito do refeitorio, de onde antigos Monges liam aos Monges capítulos de rigor. Agora são outros «frades». Não lêem; lambem. Pois o Domingos desapareceu. Correm os boatos mais desencontrados entre os membros da comunidade. Cada cabeçita dá sua sentença. A noite era escura. Tínhamos acabado a ceia e feito as orações do estilo.

O Sérgio; leva uma luz e vai com mais dois, procurar o Domingos. Foi o Sérgio, foi a luz e foi um rancho deles em cata do fugitivo. Daí a nada regressamos. Tinha adormecido num dos nossos palheiros e vinha estremunhado! Até este ponto, tudo correu bem; tínhamos ali o Domingos. O cozinheiro trouxe-lhe uma tigela de leite e o rapaz agora acordado, lambia com sofreguidão. O pior, entre aquêles que o foram procurar, porque um dizia; fui eu que o achei. O outro dizia; mas não, fui eu.

E nestes dars e tomars correria sangue inocente, se eu não acudisse a tempo. O nosso maior trabalho, nas nossas casas, é o apartar burulhos!

O senhor Padre Américo o Caçoila deitou-se na minha cama! Era o Córino a fazer queixa do Caçoila. Este Caçoila é um pequenino do Pôrto, achado nas ilhas do arquipélago, muito doente, muito difficil. O lado antipático da criança abandonada, é mais uma desgraça a juntar às que tem e por isso mesmo é erédora de maiores carinhos. Outras cartilhas, mandam abater. A de Jesus de Nazaré, não. A Obra da Rua lê por ela.

Fernando, Pepe e Rio Tinto, roram nojo roçar mato manhã fora, por entre tapetes de gada, que o sol começava a derreter. Mário e Jacinto, saíram mais tarde com um cesto de comida quente, preparada pelos nossos cozinheiros. As rédes abençoadas onde estes rapazes se prendem, ontem ocupados a estudar a melhor forma de quebrar aquelas que os queriam pronder!

O Sérgio foi à feira dos vinte pagar os bois que antes comprara.

Os artistas acabaram o nosso presépio. Não lhe falta nada do que reza a tradição. A malta não se cansa de pasmar.

Luís, o Ernesto e o Pôrto, foram encarregados de distribuir óleo à hora da refeição do meio dia. Todos tomam.

O Tiroliro anda aqui todo vaidoso, a oferecer a cabeça e a pedir que lhe cheirem: ora cheire! Foi um lindo sabonete que lhe deram.

UM Sacerdote muito meu amigo e eu dêle, veio aqui trazer uma manada de coelhos na véspera de Natal; melhor não

o tivera feito! Pouco depois dêle partir, notava-se grande restolhada à porta da coelheira, entre um grupo dos nossos rapazes. Fui acudir. A discussão fazia lume. Era um clamoroso o branco é meu, dizia o Mário. Não senhor, o teu é mas é preto acudia o Celorico. Todos queriam marcar direitos e tomar posse o que veio francamente demonstrar que o desejo de possuir, está na alma de toda a gente.

ENTROU agora mesmo no meu quarto o Periquito acompanhado do José. Este é o creadito dos quartos. —Que queres Periquito? —Vinha ver se o quarto está bem arrumado.

Se não estivesse havia lambada. O Periquito é terrível. De vez em quando ouço os ajudantes dele a berrar. O senhor Padre Américo! Mas eu não vou. São coisas deles. Mesmo em questões de desordem, se se

trata de dois da mesma força, a gente deixa até êles se cansarem.

ESTEVE aqui hoje a mãe de um dos nossos pequenos. Trazia umas coisitas de lamber para o filho. Subiu. Andou pela casa, e quando se preparava para lhe dar o seu tesouro, ouve dele: —Leve para os de casa, minha mãe. A gente aqui não precisa de nada. A pobre mãe, andrajosa, com mais 7 filhos e viúva, veio à minha procura, para dar o recado do filho, espantada: Disse-me que não precisava de nada e êle está tão lindo!

Assim se fazem revoluções. Esta mulher, já hoje disse a outras do mesmo naipe, o que vira e ouvira na Casa do Gaiato. Quem conquista com as armas da justiça, não cria partidos, ganha almas. Toda a obra que merece a bênção dos pobres, está por isso mesmo garantida. Ele há coisas tão altas dentro da verdadeira Caridade! Pena é que o mundo tenha pôsto a palavra nos cartazes, recebendo em si mesmo o prêmio da profanação.

FOI descoberto um ninheiro de ovos de galinha entre a palha de um dos telheiros. Oh que grande festa! O Zéito das capoeiras, anda agora atrás da dita galinha, a observar a hora em que ela canta. Temos muitas galinhas. Temos muitos ovos. Temos 3 perús à espera do dia de reis.

ASSINATURAS PAGAS

Já começaram a pagar o ano de 1945, o que por direitas contas, só deviam fazer em Março, data em que «O Gaiato» apareceu. Mas a gente aceita e regista. A par destes avanços de generosidade, temos uns duzentos senhores que ainda se não explicaram. Não se manda nada à cobrança. Não temos pessoal. Não temos tempo. Não procuramos receita, queremos gente capaz de sacrificar. Não se dá a rua, ir à estação mais próxima por um vale ou fazer um registo, —êsse não é digno de ser discípulo desta escola. Eu sei quanto esta obra vale para os portugueses e daí nasce o tomar às vezes atitudes que parecem ser de um pimpão, mas as pessoas inteligentes sabem que não é assim. Não há cartão que melhor apresente os homens no mundo, do que a força das irmãs do mesmo ventre; humildade e verdade!

Hernani Menezes, de Lamego, 20\$00; Eva de Oliveira Monteiro, de Lamego, 20\$00; Engrácia Braga de Matos, de Lamego, 20\$00; Maria Teresa Mendes Flores Ribeiro, do Zézere, 30\$00; Cónego Albino Figueiredo de Miranda, de Barcelos, 50\$00; Angela Lobão, de Matosinhos, 20\$00; Joaquim Godinho, de Coimbra, 30\$00; Maria Ana de Carvalho Reis, de Montemor-o-Novo, 25\$00; Ambrosina Baltazar Ribeiro, da Foz, 25\$00; Jorge Manuel de Sá, do Pôrto, 25\$00; Maria Luísa de Queirós e Melo de Lemos, de Besteiros, 20\$00; Maria Leonor de Queirós e Melo Sousa, de Besteiros, 20\$00; Alberto Pires de Lima, do Pôrto, 20\$00; Pedro Teles Silva Pereira, do Pôrto, 20\$00; Engenheiro Pedro da Silveira, de Santar, 50\$00; Maria Emília Baptista, de Lamego, 50\$00; Dr. António de Azevedo, de Ancêde, 50\$00; Maria Albertina Pereira de Magalhães do Pôrto, 50\$00; Casa de Protecção do Pôrto, 50\$00; Centro da Mocidade Portuguesa do Colégio de N.ª S.ª da Esperança do Pôrto, 50\$00; João Belchior de Castro Viegas, de Lisboa, 20\$00; Félix Moura de Braga 1 mês 5\$00; D. Francisco Tavares, de Rio Tinto, 20\$00; Maria Angélica Holbache, de Lisboa, 20\$00; Luciana Reis, da Aguda, 20\$00; Hernani Maia e Arminda Maia, da Aguda, 20\$00; Maria Amélia Pialho, de Torres Vedras, 24\$00; David Gomes dos Santos Castro, do Pôrto, 20\$00; Maria Clotilde M. de Queirós, de Mirão, por uma colecção, 20\$00; Ludovina Moreira Dias, do Pôrto, 20\$00; César Lemos, de Oliveira de Azemeis, 25\$00; Cónego Augusto Maia, de Leiria, 20\$00; Maria Adelaide Chichorro, de Torres Vedras, 20\$00; Regente do Centro Social da Sé do Pôrto, 25\$00; Superiora das Irmãs de S. Vicente de Paulo, 5\$00; Grácia de Vasconcelos, de Viseu, 50\$00; Rosa de Lima Xavier, da Boa-fé, 20\$00; Amélia Magalhães Brantão, de Braga, 20\$00; Dr. António da Luz Preto, de Vila Nova de Ourém, 20\$00; Maria Alcina Moreira de Carvalho, de Castelo de Patva, 40\$00; Arminda Borges de Almeida, de Lisboa, 30\$00; Barbearia

Apolo, do Pôrto, 50\$00; Engenheiro Alexandre Cruz, de Negrelas, 2 meses 5\$00; Dr. António Maria Pereira, de Mogadouro, 50\$00; Albertina Costa, do Pôrto, 50\$00; António Cyrna Casal, de Lisboa, 20\$00; Dr. José Luís Mendes Pinheiro, da Figueira da Foz, 30\$00; Manuel Rôlo, de Cadima, 20\$00; Maria Alia Estulano, Ribeiro, de Monte-Estoriil, 30\$00; Ana Maria Quintanas Pereira, da Granja, 20\$00; Alice Fonseca Araújo, de Vila Nova de Gaia, 20\$00; S. V. F., de Lisboa, 25\$00; Maria da Glória Gomes Pereira, do Tramagal, 25\$00; Joaquim de Sousa, de Lisboa, para liquidação, 5\$00; Maria Eduarda Costa Praça Cunhal, de Montemor-o-Novo, 100\$00; assinante n.º 893, do Pôrto, 20\$00; Dr. Francisco José Portal e Silva de S. João da Madeira, 25\$00; José Pinto Ferraz, de Olivieira de Frades, 20\$00; Lucinda Plácido, do Pôrto, 20\$00; Maria dos Prazeres Rocha, de Gaia, 25\$00; Francisco Marques Pereira, de Vila Nova de Ourém, 20\$00; Padre Inácio de Alburitel, 5\$00; Maria Mesquita de Castro, da Valdigem, 20\$00; C. Morgado Nunes, de Lisboa, 20\$00; menino Alberto Manuel Matos Lamy, de Ovar, 20\$00; Nair, do Pôrto, 50\$00; Alberto Albano, de Lisboa, 30\$00; Celeste Guedes da Silva, de Viseu, 30\$00; José Ferreira Goncha, de Alcanena, 25\$00; António Pereira Lopes, de Lisboa, 12\$00; Maria Noémia Ferreira, do Pôrto, 20\$00; Fernando Ladeiras, do Pôrto, 25\$00; José Tojal, do Pôrto, 25\$00; Alvaro Furtado de Albuquerque, do Bombarral, 50\$00; Eduardo de Castro, de Vila de Rei, 50\$00; Doentes da Casa de Saúde do Caramulo, 20\$00; Meninos Nicha e Fucho Vaz da Silva, de Lisboa, 40\$00; Francisco Carlião, de Lisboa, 20\$00; Dr. Fernando Magano, do Porto pagou o ano de 1945, 100\$00; Manuel Vale, do Pôrto, 10\$00; Zulmira Carmo Reis, do Pôrto, 20\$00; José Rosas, do Pôrto, 20\$00; José Rocha e Silva, do Pôrto pagou o ano de 1945, 20\$00; António Regueiras, de Santo Tirso, 20\$00; Joaquim de Sousa e Silva, do Pôrto, 20\$00; António Pereira Mota, do Pôrto, 100\$00; Cristóvão Cásseles, do Pôrto, 50\$00; Maria Elvira Freitas Pacheco, do Pôrto, 50\$00; Manuel da Rocha Brito, do Pôrto, 50\$00; Maria Odete Ferreira, do Pôrto, 24\$00; Pedro Luizello, do Porto, 24\$00; António José Carneiro Ferreira, de Miramar, 25\$00; Sebastião Pereira Mendes, do Pôrto, 25\$00; Manuel José Moura, do Pôrto, 25\$00; Manuel Alves de Azevedo, do Pôrto, 50\$00; Madalena Malheiro Dias, do Pôrto, 25\$00; António Lima Pinto, do Pôrto, 50\$00; Pedro Aroso, de Navegilde, 4\$00; Manuel António Teixeira, idem 2\$00; Maximiano Matos Ferreira, idem 20\$00; Maria Dolores Valadares Ceio, idem 20\$00. (Continua)

D Mais mais de batatas para o passado fardo de Mais d mesmo. dar aos regalado do noss rou-se u de mil Dr. Pinto envelop com 20\$ Espírito sem no deram-r sobre c dêste E sim, ma panca o Casas o que ne ram-me e êste graça d que est de quem massem tenho e Mais 50\$00 id 50\$00 n da mes 50\$00, 500\$00 Capital, mais u nha, m uma par quanto prio par catraios. nada, c de pinh Ora s na ocas portado O que com 70 e dos in no chã nas sim Ainda metade. saca de mais alg dar que que vier Estão turbulere De Apr reiros. Fatias d Canecas O azeite Ideal R De dantes, e Até do Zé se presépio. fizeram Ver O a tro, que que foi emblema a matar abrir trê do que t Foi

DO QUE NÓS

Mais 500\$00 de perto de Coimbra, mais de Valpaços dois sacos de batatas e um cântaro de azeite, para o que foi necessário tirar passaporte. Mais de Ilhavo um fardo de 30 quilos de bacalhau. Mais de Lisboa 120 quilos do mesmo. Como a ordem do dia é dar aos que precisam, tenho-me regalado de dar quilos dêle à gente do nosso povo. Do *Depósito* retirou-se um envelope com uma nota de mil escudos, por intermédio do Dr. Pinto de Mesquita, e mais outro envelope cem igual soma, e um com 20\$00, e com idem. No Banco Espírito Santo, depositaram 500\$00 sem nome. Nas ruas do Pôrto, deram-me um cheque de 2.000\$00 sobre o dito Banco. A Direcção dêste Banco não me deve nada, sim, mas ficava-lhe bem dar uma panca da boa de notas para as Casas do Gaiato, só pelas vezes que neste lugar se nomeia. Deram-me 5 contos no ano de 1943 e êste em que estamos é o da graça de 1945. Como quisera eu que estas regras fôssem aos olhos de quem lá risca e que me chamassem a Lisboa, a ver como eu tenho envelhecido, de tanto esperar!

Mais 200\$00 do Pôrto; mais 50\$00 idem, mais 20\$00 idem, mais 50\$00 no Banco e mais igual soma da mesma sorte, mais do Pôrto 50\$00, mais uma cautela, mais 500\$00 da Invicta, mais 150\$00 da Capital, mais 60\$00 de visitantes, mais uma caixa de latas de sardinha, mais retirado do Depósito, uma pancadaria de coisas, de tudo quanto existe debaixo do sol, próprio para a consoada dos nossos catraios. Lá estava o *Zé sem mais nada*, com um formidável cartucho de pinhões.

Ora sucede que êste arreventou, na ocasião em que ia a ser transportado para a nossa despensa. O que se passou naquela altura, com 70 garotos à volta do cartucho e dos infinitos pinhões espalhados no chão, não é coisa que se relate nas simples regras de um jornal!

Ainda assim, salvou-se mais de metade. Estes, com os de uma saca de pinhas que cá tínhamos e mais alguns que apareceram, hão-de dar que fazer à dúzia dos rapazes que vieram do Depósito.

Estão escondidos aos olhos dos turbulentos rapazes; volta e meia

oiço uma voz suplicante: — *Sr Padre Américo, um rapa*. Mais 250\$00 no Banco e mais 20\$00 e mais 20\$00 e mais 100\$00 na Séde. Muito bem. Nós temos conta aberta na Séde. Eu facilito tanto, a todos, sempre! Os *Lisboetas*, se quisessem, podiam andar a par dos *Tripeiros*, mas não.

Mais 250\$00 por carta, do Pôrto; mais 20\$00 idem, mais 100\$00 de Coimbra, mais uma peça de pano da Covilhã, mais um caixa de vinho fino, mais um pipo de 60 litros de óleo de fígado de bacalhau e mais

NECESSITAMOS

um garrafão de 10 litros no Depósito e mais 1 de 5 litros no mesmo sitio e mais 1 garrafa de litro idem. Mais um par de sapatos de Lisboa e mais roupas da Murtosa e mais ditas de Vizeu. Se mais mundo houvera, mais conquistaramos! Da Cova da Iria roupas de cama, óptimas. No *depósito*, ferramentas de carpinteiro e de serralheiro e 300\$00 e 100\$00 e 100\$00. Mais uma caixa de Vinho do Pôrto. Mais de Casaldêlo roupinhas e 100\$00. Mais de Coimbra de um pequenino de 5 anos, por um voto de sua mãe, 100\$00. Mais de um visitante 100\$00. Mais no Banco 100\$00 de A. C. F. U. Mais do Pôrto 100\$00. Mais 70\$00 do Pôrto, *pedidos nos anos do meu avozinho*, mais 100\$00 do Pôrto, mais 20\$00 idem. Mais 2 caixas de sabonetes.

Mais 100\$00 de Espozende. Mais 100\$00 de alguém que se chama e assina *Zero*. Estes zeros são de pôr á direita e por isso contam e valem uma dezena. Não sei quem, da Vacuum, manda uma caixa de de vinho, *oferta que recebemos de um cliente*. A mesma dádiva alegra duas mãos. Na Vacuum, há alguém lá dentro que mensalmente colhe pelos empregados e deposita no Banco uma quantia de dinheiro. Mais me disseram que na Vacuum está em leilão uma caixa de fósforos para a Casa do Gaiato e que já vai (hoje, 24 de Dezembro) em setecentos e quê escudos. Mais no

Pôrto, na Casa David Ferreira, alguém que comprava coisas deu-me duzentos escudos e em uma confeitaria deram-me 50 ditos. Mais outro tanto do mealheiro de *Os Novos Aerodinâmicos*. Mais 2 alqueires de milho. Mais 50\$00 do Bom Jesus. Mais no Depósito, de Oliveira de Azemeis, um paramento branco de altar, com túnica e toalha de linho precioso. Mais, de Paço-de-Sousa, duas dúzias de lenços de algebeira. Vieram em bôa hora; não tínhamos nada. Mais uma peça de flanela, no Pôrto. Mais 2 contos e meio de Lisboa. Mais uma ceira de figos, do Algarve. Que rico! Fazem merendas deliciosas para os nossos Miúdos; o doce nunca amargou. Senhores do Algarve, nós temos um pequenino do vosso

reino,—o Augusto. Lembrem-se da gente! Mais 20\$00 da *Maria Fernanda*. Mais 50\$00 no Banco. Mais mil escudos de Leixões. Mais cinco mil do Pôrto. Mais de um visitante uma data de coelhos e uma pancada de castanhas. De outros visitantes 20\$00 e outro tanto e 100\$00. Mais 10 litros de vinho de Cête. Mais de Lisboa um pacote formidável com roupas novas de flanela e 20\$00. Mais de Lisboa, um formidável pacote de toalhas e guardanapos. Mais de Lisboa duas peças novas de malhas. Lisboa está-se a querer levantar!

Mais de Casaldêlo 50\$00, mais de Pinhanços 100\$00, mais de Alvércia da Beira 300\$00, mais do Pôrto 100\$00 de um voto, mais 500\$00 do Pôrto, mais um pacote de preciosos livros de leitura infantil, mais 20\$00 e mais outro tanto, — tudo da Invicta. Mais de visitantes 300\$00 e 200\$00 e 500\$00 e 50\$00 e 40\$00 e 120\$00 e 50\$00 com um bolo-rei.

Mais de Lisboa três notas de cem, depositados no Banco Espírito Santo, mais cem escudos da mesma terra, por vale. Mais do mesmo sitio e rua do Salitre, 100\$00 para a *Conferência* e dois pacotes de roupas e doces, de *alguém que deseja ficar na sombra*. Eu tenho que estas sombras são feitas de luz!

Mais 50\$00 do Pôrto, para a *Conferência*. Mais roupas de visitantes.

De como foi a Venda do jornal

Mandaram-se sómente 5 gaiatos desta vez. Era em vésperas do Natal e eu tive receio das multidoes. Mas êsses poucos fizeram muito. O Júlio vendeu 400 jornais e trouxe 154\$00 de acréscimos e algumas assinaturas e um delicioso bolo-rei. Foi uma *senhora muito rica que mo deu na Ateneia*. Não sei onde êles vão buscar estas afirmações de *uma senhora muito rica*, como neste caso, e ás vezes, *um senhor muito rico*. O bôlo sim, que era riquíssimo. Partiu uma fatia e cada um dos irmãos Júlio e Amadeu, que o trouxeram, e o resto é para todos, em porções mais pequeninas.

O Amadeu vendeu 372 jornais, trouxe várias assinaturas e 126\$00 de acréscimos. O Luciano vendeu muito pouco. Trouxe algumas assinaturas de senhores de Braga, que muito gostariam, disseram, de vêr lá o *Gaiato* a vender pelos Gaiatos.

Talvez calhe. Quando estivermos na nossa Casa do Pôrto, os combóios dão mais geito. O Zé Eduardo, foi uma desgraça! Não vendeu nada e tinha prometido *atirar-se*. O Amadeu informou que êle passara todo o tempo a espreitar as montras! Nunca mais volta. O Oscar sim. Esse vendeu 160 gazetas e entregou 44\$00 de acréscimo.

A' vila de Paredes, foram o José mai-lo Oscar. Levaram 30 exemplares cada; um sucesso! *Limpinho*, exclamaram êles, na hora do regresso, mostrando as sacolas vazias.

Oleo de fígado de bacalhau

Como em outro lugar se publica, anda quasi por meia pipa, o oleo que recebemos, e à sombra dele, veio também algum bacalhau.

A palavra de comando saiu de "Alguem" de Ilhavo, terra de homens do mar, que se conhecem à légua pela côr, pelo desassombro, pelo coração.

Havemos de tentar distribuir pelas creanças rurais das terras de Miranda e de Paço-de-Sousa e dizer à gente do campo, que a oferta do precioso alimento é da gente do Mar. Não, sei que mal trago comigo, que por mais que veja o scintilar das rodas sociais, antes me quero com a gente de humilde condição.

Noutro dia era a hora do "rápido".

Chusmas de figurinos elegantes, diziam adeus. Ao lado, em direcção ao comboio de Aveiro, passa um grupo de mulheres do Caramulo, de saia rodada e capucha estendida sobre os ombros. Entrei na carruagem e sentei-me à beira delas. Foi um banho de verdade. Não havia ali nada fingido. Quiz beijar-lhes as mãos asperas, mas tive medo que me prendessem e não o fiz. Daqui saúdo as gentes do campo e do mar, pobres que remediavam pobres e que sabem inferir das injustiças do mundo o sentido da vida eterna e hão-de receber justiça das mãos de Justo Juiz.

De como foi o nosso Natal

Continuação da página 1

Aproxima-se a hora. *Mezz*, grita o Mondim, um dos pequeninos refeiteiros. As mesas estavam já ocupadas com setenta pratos feitos, a fumegar. Fatias de pão, de mistura especial que o Sérgio cozera ontem, guarneciam. Canecas de barro feitas em Coimbra, com legendas infantis, espumavam. O azeite delicioso, fazia espelho no fundo dos pratos. Um alto-falante, que a Ideal Rádio do Pôrto nos viera colocar, dizia coisas. Acabou a Ceia.

Demos graças. Arrumam-se as mesas do refeitório. Os cozinheiros e ajudantes, despacham os seus trabalhos.

Até às onze da noite, houve dominó; houve o rapa com pinhões, os pinhões do *Zé sem mais nada*. Houve os que escutavam o rádio, os que iam mirar o presépio, os que contavam histórias, e todos, conforme lhes dava na gana, fizeram a festa da Consoada.

Vem agora o dia de Natal. *Nasceu-vos hoje o Redentor!*

O acontecimento do dia foi um bolo-rei monumental, com 70 prendas dentro, que eram outros tantos emblemas de varios clubes de futebol. Mas aqui é que foi o bonito. Os rapazes teem todos a paixão do seu club, e queriam o emblema adequado, de onde surgiu uma monumental berreira que ficava mesmo a matar ao pé do monumental bolo, — a prenda do *Depósito*! Foi necessário abrir três garrafas de vinho do Pôrto, para afogar o bolo mai-la discussão, depois do que tudo entrou em perfeito sossego.

Foi assim o Natal.

Teatro de S. João

No dia 23 do passado mês e ano, lá estivemos todos. Ninguem representou, com o ser palco de um teatro. Seis contos e quê nas duas Sessões.

O rolo de notas de cem (cinco delas) ali apareceu, envolvido no seu terrível mistério!

Quem será?! Para maior confusão, o senhor que eu tinha marcado como suposto autor, nesse dia não foi ao S. João!

DOCTRINA SOCIAL

Damos hoje à estampa mais algumas das lições que foram escutadas naquele dia, pelos ouvintes dos postos emissores da cidade do Pôrto.

Dizemos «lições», em razão da fonte da doutrina exposta; só Jesus é Mestre, e as palavras que eu disse são ensinamentos d'Ele. Quando as obras sociais calam no sentir do povo, é sinal que trazem dentro de si mesmas a razão da sua eficácia. E somente falam ao coração dos homens, as obras inspiradas no Evangelho.

Escuta a palestra do Electro Mecânico.

Dirijo-me neste momento a todos quantos me escutam para lhes dizer que venho anunciar uma obra social já realizada e que muito interessa os habitantes da cidade do Pôrto. Trata-se da Casa do Gaiato das Ruas do Pôrto, sita na freguesia de Paço de Sousa, a uns 30 k desta cidade. É uma obra absolutamente original nos seus métodos. É uma palavra nova que se levanta em Portugal. É uma experiência baseada na própria natureza da cousas.

A criança abandonada, ou porque não tem família, ou porque esta é desqualificada, tem o primeiro lugar dentro da nossa organização. Tanto quanto possível, nós rejeitamos o orfão, somente porque é orfão. Rejeitamos a criança que traz indicação de ser muito bem comportada. Rejeitamos os filhos dos pobres, somente porque são pobres. A nossa especialidade é o rapaz de má nota, o pequenino que dorme nos palheiros, que vagueia nas ruas, que apanha comida nos caixotes do lixo, que tem o vício de fumar, que furta coisas nas lojas e nos mercados. Esta classe de rapazes é precisamente a que nós preferimos. A obra foi levantada de propósito para eles e eles, estes simpáticos vadiozinhos, são os seus filhos predilectos.

Aqui há tempos, um homem desconhecido, entrou dentro das nossas portas, pediu licença para deixar por algum tempo uma criança, enquanto ia aviar uns recados, e nunca mais apareceu. Eu não gostei nada do embuste. Perguntei à criança quem era o homem. Disse-me que era o pai. Perguntei-lhe mais se sabia onde morava. Disse-me que sim, tendo ficado assente, que no dia seguinte o pequeno seria remetido à procedência. Mas durante essa noite, dentro da nossa casa, o pequenino ocupou-se em roubar. A primeira coisa de que se deu falta, foi uma corrente de prata que segurava um molho de chaves. Outros objectos e moedas, foram encontradas debaixo da enxerga, onde ele provisoriamente tivera pernoitado. Pois foi esta a melhor recomendação que de si mesmo podia ter dado. Nunca mais saiu da nossa vista e hoje é um dos pequeninos trabalhadores que forma na primeira linha.

Noventa por cento dos habitantes das nossas casas, trazem o alicio do furto. São impedidos para

êle pela necessidade de comer; pelo estímulo dos companheiros, pelos conselhos dos pais. Eles são alunos qualificados da escola da rua. Muitos deles, pequeninos como são, já conheceram por dentro as paredes dos carcereiros públicos, e eu não sei de ocasião mais oportuna nem meios mais eficazes para a perfeição da mestria de roubar, do que a presença deles, naquelas casas denegridas.

E, contudo, estas vítimas inocentes, são capazes de actos muito nobres, uma vez colocados num ambiente de carinho e de abundância. Um caso: Pretendi mandar um dos nossos pequeninos fazer umas compras à cidade do Pôrto. Nós não temos criados; o trabalho de nossa casa é todo feito por nossas mãos. Pois o pequenino veio-me dizer que não podia ir. Estranhei a sua recusa, pois que êle é natural do Pôrto e eu tinha para mim que êle havia de gostar. Insisti com o rapaz e o pequenino «tripeiro» fixa nos meus os seus olhos galantes e declara que tem medo de ir sozinho com dinheiro na algibeira, porque andam por lá, disse, muitos dos rapazes que me ensinaram a roubar. São vítimas inocentes que só se veem a perder por não terem quem os salve. Eles podem dizer como disse outrora o coxo do Evangelho a Jesus de Nazaré, que estava ali há 28 anos prostrado, por não ter um homem que o levasse à piscina miraculosa. Pois chegou a hora de redimir por amor. Já somos uma comunidade de 70 rapazes, que foram ontem vadios dos caminhos e que hoje se sentem felizes dentro dos muros da nossa aldeia. Temos uma quinta imensa. A semente é lançada por eles. O trigo é ceifado e o pão é amanhado por eles. Eles lidam com os bois, tiram o leite das vacas, pastam no campo as ovelhas, migam couves às galinhas, dão de comer às pombas, respiram felicidade. A sua personalidade é respeitada; aquilo que eles são, mostram-no todos os dias pelo à vontade em que vivem. Eles são os educadores de si mesmo. Já temos 7 vivendas construídas dentro da nossa aldeia, mas elas são muito mais. Eles querem construir. Os pequeninos abandonados da rua, querem erguer-se da lama, querem limpar-se dos vícios, querem ser filhos de alguém. Querem ser filhos de Portugal. Eu trago hoje aqui um recado deles todos para cada um dos senhores que me escuta: eles querem que tu os ajudes a construir o que falta, na medida das tuas posses. E eu também.

Escuta agora a palestra da Rádio Pôrto.

Senhores ouvintes da emissora; não sei se a minha voz os encontra desprevenidos, ou se já havia conhecimento de que nesta hora e lugar haviam de aparecer notícias da Casa do Gaiato do Porto. Seja, porém, como for, aqui estou eu e si estais vós; e cuido bem que da nossa presença mutua, algo de proveitoso há de resultar. Eu sou a voz que clama no meio do povo e o dedo que aponta o maior mal dos nossos tempos: a criança abandonada. A criança sem família entregue nas ruas a si mesma. A

criança que furta nas lojas, com autos de crime nos tribunais de Menores. A criança delinquente, à espera de ordens dentro dos calaboiços. Eu denuncio à sociedade presente este mal que é de todos nós. Eu trago dentro de mim um programa onde se encontra o recurso para atenuar a doença. Tenho necessidade de falar. Trago no meu peito fome e sede de justiça.

Há quem duvide dos remédios para este mal. Eu posso remediar o mal. Eu quero remediar o mal. Eu sirvo-me do próprio garôto da rua com toda a sua hediondez e suposta maldade, para assim, com eles e por eles, remediar a sorte da imensa legião dos pequeninos filhos de ninguém, postos à margem da lei, estrangeiros na sua pátria,—carne da nossa carne, sangue do nosso sangue, participantes duma única Redenção. Eu posso remediar.

Nós já temos em Miranda do Corvo a Casa do Gaiato de Coimbra, onde 37 pequeninos que foram ontem vadios da rua, saboreiam a vida e cantam vitória. E temos agora em Paço de Sousa a Casa do Gaiato do Porto, onde as vozes de 70 pequeninos da mesma sorte, soletram a vida com letras maiúsculas. Tão felizes se encontram e tamanho espirito de solidariedade possuem, que, se algum pequenino dos caminhos adrega de vir bater à nossa porta e nos encontra sem leite, sou eu que tenho de descer ao fundo da escada a levar o triste non, que eles negam-se terminantemente a fazê-lo.

No bem que agora disfrutam, aprenderam a conhecer o mal que os vitimava. O nosso porteiro, que viveu 8 meses ao relento, é o amigo intrépido e fervoroso dos semelhantes a êle, que vêem pedir pousada debaixo da nossa bandeira. Temos cá 2 pequenos vadios que não sabem onde nasceram nem quem os deu à luz os quais, devido à insistência do adorável porteiro, forçaram os espaços dos nossos dormitórios por causa da força do coração do Tiro-liro, que assim se chama o dito porteiro. As cunhas em nossa casa, não são de interesse; são de amor.

A vida, dentro dos muros da nossa aldeia, tem todos os minutos ocupados. Nós temos a escola diurna e nocturna. Nós cultivamos 18 hectares. Nós hastam-nos e realizamo-nos na cozinha, na padaria, nos dormitórios, na rouparia. Em todas as actividades duma comunidade de 70, o dedo do pequenino vadio risca e comanda. Somos um povo independente. Libertámo-nos do jugo dos senhores directores e quejandas pessoas. Fizemos um pequenino 1640. Arvoramos a bandeira das quinas; a nossa marca é a Cruz. Procuramos a independência e já cantamos vitória. Honra seja aos habitantes das casas do Gaiato!

Êles incumbiram-me de dizer hoje neste lugar e a cada um dos ouvintes, que desejam ser auxiliados na construção da nossa aldeia. Sete moradias vão ser dentro em breve habitadas, mas o plano geral pede muito mais delas. Alguns senhores anónimos, já ofereceram aos gaiatos o edificio da enfermaria e o edificio da capela, que se encontram já em vias de construção. No dia último do mês de Novembro um outro senhor desta cidade, deu-nos 100 contos para o edificio das oficinas. Talvez tu queiras construir o edificio das escolas. Vale mais dar os aneis com honra do que perder os dedos sem glória. Vale muito mais fazer hoje amigos com alegria, do que sofrer amanhã o ódio daqueles mesmos

POBRES DE CRISTO

No dia 23 de Dezembro fomos visitar os pobres, de S. Lourenço de Bairos e Assento.

Como os Snrs. leitores ainda não sabem como êles se chamam é bom saber. O de S. Lourenço, chama-se Lourenço. O de Bairos, chama-se Serafim. A do Assento, chama-se Margarida Leal. E também fomos levar a uma mulher que está doente há quinze dias e levamos-lhe a esmola e consoada. O de S. Lourenço ainda não recebeu a roupa que êle me pediu. Dobramos a esmola visto ser Natal.

O de Bairos costuma vir cá busca-la e não diz que precisa de nada. O de Assento veio cá buscar a esmola e nós demos-lhe ao filho roupa de vestir e uns sapatos. O outro filho ainda não teve roupa nenhuma, por isso pedia muito se lhe davam porque anda cheio de frio. Também pedia aos leitores se ajudavam a dar alguma coisa para ajudar a reconstruir a czinha deste porque houve lá um incendio e butou quasi o telhado todo abaixo, por isso não me deixem de ajudar a socorrer estes infelizes que têm agora de cozinhar fora.

Com isto termino e desejo que tivessem um Natal muito feliz.

O Secretário
José Eduardo

DESPORTO NA CASA DO GAIATO

Decorreu com grande animação o encontro de futebol com os Encarnados de Cete. A nossa linha: Luciano, Sérgio e Pepe, Elvas e Oscar, Gari, Lisboa.

Aos 15 minutos, os Encarnados meteram o primeiro ponto, logo em seguida aos 20 minutos numa penalidade na linha de beques fez o primeiro goal dos gaiatos. O Sérgio após uns momentos houve grande luta e os de Cete furaram o segundo, e aos 39 minutos fizeram o terceiro ponto. Os gaiatos começaram a animar e o Pepe lá lhe furou as rédes: e logo numa barafunda o Oscar meteu o terceiro dos Gaiatos. Assim acabou a primeira parte com 3 a 3. Os Encarnados começam a lutar e conseguiram o quarto. Aos 17 minutos da segunda parte, o Lisboa fez o quarto e logo após uns momentos o mesmo fez o quinto! Foi uma excelente tarde. O Luciano, o nosso guarda-rédes, parecia quasi o Azevedo; fez lá um vôo de sóco que foi uma excepcional defesa que nos ficou em vista.

Grande assistência animava o jôgo. E assim acabou o jôgo em que ficamos vencedores por 5 bolas a 4. Os que mais se distinguiram foi Sérgio, Pepe, Lisboa e Luciano. Julho. Juiz de campo.

pequeninos da rua, a quem se tem tirado o uso da faculdade de amar, por terem sido até hoje universalmente aborrecidos. Eu quero levar boas notícias de cada um dos meu ouvintes. Os gaiatos esperam por elas, e eu espero aqui por vós. Dai sem arrepenimento.

Redacção,
Cor
estan
pales
naqu
gioso
trina
ser t
como
cidad
não s
maté
que é
Fal
Falta
sua r
ta-lh
bilid
deste
const
acaba
do m
meu
«cega
res, p
Faz p
de ge
frem.
sofre
da fo
Eis
Ouv
como
não h
tras, p
pudes
tão li
sai do
que a
tua c
notici
inteir
«Casa
si me
As C
govern
atinja
discer
E' i
piraçã
de qu
donac
paidie
das ca
Sem
amigo
a si n
nados
O
nascer
Corvo
cidade
dias
descol
nário
a hist
miudo